

ARQUEÓLOGOS DA APIA E DO TEXAS RECOMENDAM ESTUDOS NA GROTA DO MEDO

Estruturas megalíticas não são portuguesas



ARQUEÓLOGOS acreditam que há, na Grota do Medo, matéria que merece estudo e atenção

Arqueólogos da APIA e da Universidade do Texas veem na Grota do Medo motivos mais do que suficientes para investigações arqueológicas. É preciso datar as estruturas e descortinar a sua origem.

As estruturas megalíticas da Grota do Medo, no Posto Santo, dificilmente serão de origem portuguesa, considera a arqueóloga Anabela Joaquineto, da Associação Portuguesa de Investigação Arqueológica (APIA), que defende um estudo arqueológico no local.

Em declarações a DI, a especialista - que está nos Açores ao abrigo de um projeto da APIA para estudar

achados arqueológicos nas várias ilhas do arquipélago - sustenta que há, no Posto Santo, duas estruturas diferentes ao nível da cronologia, o que indica “diferentes ocupações no mesmo espaço”.

“Há estruturas megalíticas que se vê que foram claramente construídas pelo Homem, e há as torres, que podem ser ou não portuguesas. As estruturas megalíticas dificilmente

o serão, porque são típicas de um determinado período. Podem ser mais recentes, podem ser de populações que tenham vindo para aqui, mas não sabemos ainda. Não podemos estar a criar teorias sem fazer escavações arqueológicas, que é o mais importante”, avançou.

A arqueóloga, que frisa que as construções megalíticas são estruturas bem organizadas do ponto de vista arquitetónico, não considera irreal a hipótese de terem sido construídas por outros povos que não o português. “É possível. As navegações Atlânticas estão estudadas. Há determinadas rotas que quase obrigam os barcos a virem para as ilhas”, avança.

Em qualquer dos casos, Anabela Jo-

aquineto assegura que há potencial no local. Romeo Hristov, arqueólogo da Universidade do Texas, partilha da mesma ideia.

“Aparentemente esta é uma estrutura com construções de dois períodos muito distintos. O que vi ali é muito real: há qualquer coisa de muito interesse e muito importante.

É necessário fazer escavações, pesquisas arqueológicas, e vale a pena gastar dinheiro e esforço - sendo certo que não custa muito dinheiro. Com isso, podemos deparar-nos com alguma coisa que pode adicionar dados substanciais ao conhecimento da história da ilha”, adianta o especialista.

Segundo Anabela Joaquineto, a sondagem arqueológica não necessita

de ser exaustiva numa primeira fase. O que é necessário, considera, é recolher material que permita a datação das estruturas.

“São estruturas maravilhosas, que não exigem grandes projetos. Poderiam fazer-se escavações em uma ou duas estruturas, com equipas pequenas, talvez durante um mês”, refere a especialista da APIA.

Antes dessa investigação, os dois arqueólogos recusam tecer comentários sobre os motivos que terão atraído os responsáveis por aquelas construções àquele lugar.

Neste momento, sustentam ambos os arqueólogos, não se justifica avançar com proteção no local, mas será necessário limpá-lo e preparar o conhecimento do público sobre estas estruturas. “Penso que o mais correto a fazer é alertar, nas brochuras turísticas, para o potencial do local. É uma visita muito interessante, mas é preciso apresentar as possibilidades históricas que o lugar pode representar”, diz Romeo Hristov.

NADA A TEMER

Romeo Hristov e Anabela Joaquineto sublinham que muitas das questões que envolvem casos arqueológicos

são polémicas e, por isso, compreendem a controvérsia em torno dos achados da Grotta do Medo. No entanto, adianta a arqueóloga, “não há nada a temer”.

“Compreendo que haja alguma polémica, porque a história diz-nos que as ilhas foram descobertas pelos portugueses. Ainda assim, acho que isto não tira valor nenhum aos portugueses, que colonizaram as ilhas. Outros povos podem aqui ter estado, mas não conseguiram sobreviver aqui”, recorda a especialista.

A arqueóloga acredita, apesar disso, que a relutância é temporária. “É uma questão de as pessoas irem visitando os sítios e ouvirem outras opiniões”, afirmou.

Para Anabela Joaquineto, aliás, o potencial arqueológico da Terceira pode e deve ser explorado do ponto de vista turístico. “O turismo arqueológico é muito importante, há agências que se especializam nisso e os Açores poderiam fazer parte do circuito. Não há nada a temer, porque isto é importante para a história das ilhas; é importante descobrir os povos que conseguiram aqui chegar antes, mas sem tirar nenhum valor ao povo português que conseguiu aqui ficar com sucesso”, referiu. ❖

APIA IMPEDIDA DE CONHECER MELHOR OS HIPOGEUS

DrAC negou estudos no Monte Brasil

A Associação Portuguesa de Investigação Arqueológica (APIA) viu negados, pela direção regional da Cultura (DrAC), os seus dois pedidos para estudar os achados do Monte Brasil.

“Fizemos pedidos de autorização para o estudo do Monte Brasil, que não tem só os hipogeuos, mas também uma série de estruturas, no Monte do Facho, que podem estar associadas e que são muito interessantes. Da primeira vez pedimos ajudas e disseram-nos que não era possível. Da segunda vez, para evitar essa resposta, não pedimos nada, mas continuaram sem nos autorizar. Não deram justificação”, sublinhou.

De acordo com a arqueóloga, os hipogeuos do Monte Brasil suscitaram interesse à APIA dadas as parencas com estruturas

encontradas, por exemplo, em Sicília e em Malta. A associação colocou a hipótese de as construções serem do período cartaginense.

Os dez hipogeuos do Monte Brasil apresentam características consideradas interessantes. É o caso de um tanque, de forma trapezoidal, que aparenta ter tido uma função cerimonial. “Tem uma espécie de banco, que permitia que as pessoas se sentassem sem que a água subisse acima da cintura, mesmo durante o inverno. Estamos a falar de estruturas cerimoniais, não de alguma coisa prática que permitisse que uma população acesse à água”, disse.

DI questionou a direção regional da Cultura sobre estas problemáticas sem, no entanto, ter obtido resposta. ❖

PUBLICIDADE

mundos abreu

Feira de Viagens 2013

6 Abril [10h-21h]

7 Abril [10h-19h]

Nas suas agências dos Açores

S. Miguel: Ponta Delgada - Matriz -

D. João III: Ribeira Grande

Terceira: Angra do Heroísmo - Praia da Vitória

Faial: Horta

Pico: Madalena

Até
60%
desconto

